

## A PREFEITURA DE SÃO PAULO E A CRIAÇÃO DO BAIRRO ORIENTAL NA IDENTIDADE PAULISTANA, 1969-1974

Lianne Sturgeon<sup>251</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o papel e os motivos da Prefeitura de São Paulo na implantação do Bairro Oriental, inspirado pelo turismo dos Chinatowns norte-americanos, no bairro da Liberdade em 1974. Expõe como este novo pólo turístico alimentou discursos sobre a identidade e o excepcionalismo de São Paulo. A pesquisa aproveita a primeira entrevista acadêmica feita com o idealizador do Bairro Oriental, o jornalista Randolph Marques Lobato, e apresenta a perspectiva de sua narrativa sobre o Plano Oriental, confrontando-a com a oficial, advinda da Prefeitura municipal. Mostra, o artigo, que a idealização foi fundada em sentimentos pró-Japão e ambições de desenvolver a economia local. A Prefeitura aprovou a visão do Lobato porque permitiu envolver-se na indústria emergente de turismo com outros países "avançados" e fomentar o regionalismo racial que dependia no aumento de niponicidade e apagamento da memória negra.

**Palavras-chave:** Bairro da Liberdade; Identidade Paulistana; Nipo-brasileiros

## THE CITY OF SÃO PAULO AND THE CREATION OF ASIATOWN WITHIN THE PAULISTANA IDENTITY, 1969-1974

**Abstract:** This article analyzes the City of São Paulo's roles and motivations for transforming the Liberdade neighborhood into the touristic Bairro Oriental, or Little Asia, in 1974. It explains how this tourist attraction, inspired by North American Chinatowns, supported images of Paulistana exceptionalism and modernity. This research takes advantage of the first-ever academic interview with the man who thought of and created the Bairro Oriental and fills a gap in our understanding of the municipal perspective during the process of the Oriental Plan. It finds that the ideation was founded in pro-Japan sentiments and desires to develop the economy. City Hall then approved Bairro Oriental because it was a way to participate in the emerging tourism industry with other "advanced" countries and solidify the racial regionalism that distinguished São Paulo exceptionalism from the rest of Brazil by augmenting the city's Asianness and erasing its Black history

**Keywords:** Liberdade Neighborhoods; Paulistana Identity; Asian-brazilians.

---

<sup>251</sup> Pesquisadora Fullbright. LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/lianne-sturgeon-943a02122/>.  
 E-mail: [liannerenees@gmail.com](mailto:liannerenees@gmail.com).

## Introdução

Em 1969, Randolpho Marques Lobato, jornalista ambiental do jornal *O Estado de S. Paulo* e de ascendência europeia, imaginou um lugar turístico, inspirado pelos *Chinatowns* norte-americanos, no bairro da Liberdade, que tinha uma concentração de nipo-brasileiros. Em apenas cinco anos, a Prefeitura da cidade de São Paulo transformou a Liberdade de bairro residencial de antiga ocupação no primeiro pólo turístico paulistano popularmente conhecido como “Bairro Oriental.” Hoje em dia, o Bairro Oriental, que fica nas proximidades do centro antigo da cidade, é um dos pontos mais conhecidos na metrópole, onde circulam milhares de turistas, sendo a maioria brasileiros, principalmente aos finais de semana. A área turística mais movimentada começa na Praça da Liberdade, onde se encontra a Estação Japão-Liberdade do metrô, perpassando a Rua Galvão Bueno até a Rua São Joaquim (Figura 1). Turistas podem comprar alimentos e diversos produtos orientais em lojas e restaurantes, caminhando sob lanternas suzurantô e por um *torii*, tradicional portal japonês, além de poderem participar, quatro vezes todo ano, de festivais típicos da Ásia.

Atualmente, moram e trabalham no bairro mais imigrantes chineses e coreanos do que japoneses, já que estes se mudaram da Liberdade para outros bairros da cidade. Sob a ótica popular, no país em que se concentra a maior colônia japonesa fora do Japão, o Bairro Oriental evidencia o que tem sido propagado, há décadas, como o legado desses imigrantes na cidade de São Paulo.

Na década de 2010, surgiram discussões públicas sobre a relação entre turismo e raça no Bairro Oriental, provenientes de diversas áreas, como



Figura 1: Rua Galvão Bueno, a rua central da zona turística do bairro da Liberdade

Fonte: Maria Roberta Castilho. Upsplash

estudos acadêmicos, cultura pop, literatura, entre outros, e criticam especialmente no apagamento da história e memória da população negra. Séculos antes da chegada dos japoneses ao bairro da Liberdade, a área era um núcleo de afro-brasileiros. Em meados do século XIX, foi centro de campanhas pró-abolição da escravidão no Brasil, e, inclusive, foi local de nascimento da grande escola de samba Paulistano da Glória, mas também foi marcado por violência contra a população negra (BRITT, 2022). De acordo com Laís Guimarães, em seu livro “Liberdade,” a área foi cenário de execuções exemplares de fugitivos e, ainda, local do primeiro cemitério

público da cidade, o Cemitério dos Aflitos, inaugurado em 1779, onde eram enterradas pessoas escravizadas, soldados condenados e indigentes.

Argumenta-se, atualmente, que o Bairro Oriental iniciou um processo de evanescência da história negra, cujo debate se tornou mais intenso e público com a mudança do nome da estação de metrô de Liberdade para Japão-Liberdade em 2017, por meio do Projeto de Lei nº01-00357/2017. Bruna Miyazaki de Souza expõe, em seu trabalho monográfico intitulado “Memórias da Liberdade”, como esta mudança deixou clara a valorização de grupos asiáticos em relação aos grupos negros. A história em quadrinhos (HQ) “Indivisível”, de Marília Marz, aborda como o Bairro Oriental, ao utilizar elementos decorativos tradicionais e promover festivais, gera uma divisão entre a atualidade da orientalidade hegemônica e a história da população negra, embora façam parte do mesmo território. O grupo YoBanBoo, que produz conteúdos em mídias digitais sobre questões atuais de brasileiros descendentes de asiáticos, enfatiza esse favoritismo racial no bairro. Do mesmo modo, YoBanBoo questiona seus impactos entre os comerciantes e moradores da região, como o caso da Lei 703/2020 proposta em 2020 que determinou a venda de produtos com “característica oriental” apenas na semanal Feira Oriental na Liberdade. O grupo argumenta que tal legislação exclui os comerciantes não-asiáticos que vendem produtos sem “características orientais” (YOBANBOO, 2022).

Sob este aspecto, para transformar o Bairro Oriental enquanto representante de parte da história de São Paulo, é imperativo saber sob quais premissas ele foi fundado. Quando a Prefeitura aprovou o Plano Oriental, quais eram seus motivos e como tencionava o papel do Bairro Oriental no tecido da cidade? Quando entendemos o contexto em que o Bairro Oriental surgiu, identificamos as expectativas e dinâmicas políticas

subjacentes criadas em 1969 que impactam o entendimento da Prefeitura sobre o Bairro Oriental atualmente.

Desse modo, esse artigo aborda a perspectiva da Prefeitura e suas motivações para tornar um bairro, classificado como um enquistamento étnico preocupante há 40 anos pelo Município, em um núcleo asiático-brasileiro, preservado e celebrado. A cronologia e o papel dos organizadores são incertos porque notou-se um hiato de documentação original. Aproveitando a entrevista que realizei em julho de 2022 com o idealizador do Bairro Oriental, Randolpho Marques Lobato, esta pesquisa preenche uma lacuna de nosso entendimento sobre a formação do Bairro Oriental e sobre o ponto de vista da Prefeitura. Esta entrevista é valiosa; Lobato fez várias outras entrevistas, sendo esta a primeira acadêmica, mais detalhada e sustentada por outros entrevistados. Demonstra como as percepções positivas dos nipo-brasileiros e a priorização do desenvolvimento econômico da época inspiraram a idealização do Plano Oriental. Quando o Bairro Oriental foi apresentado à cidade, a Prefeitura viu uma oportunidade não só de participar no turismo, uma indústria emergente mundial, mas também fomentar o regionalismo racial de São Paulo.<sup>252</sup> Em seguida, o artigo esmiúça a cronologia da formação do Bairro Oriental e analisa como os eventos refletiram nas políticas que promoviam uma imagem de modernidade e regionalismo racial, dois conceitos integrantes da identidade Paulistana.

### **O bairro da Liberdade antes da implantação do Bairro Oriental**

---

<sup>252</sup> Desde sua ascensão no final do século XIX, São Paulo construiu sua identidade em contraste com o Nordeste. O regionalismo tornou a significar São Paulo moderno, rico e branco e o Nordeste rudimentar, pobre e preto. Branquitude e desenvolvimento econômico se juntaram para significar a mesma coisa e as duas características eram integrais no Excepcionalismo Paulistano. WEINSTEN, Barbara. *A Cor da Modernidade: A A Branquitude e a Formação da Identidade Paulista*. São Paulo : Editora da USP, 2022.

Havia uma concentração de *nikkei* na Liberdade antes do Plano Oriental. Depois da abolição da escravidão, em 1888, o governo do Brasil procurava uma nova mão-de-obra, barata e submissa, e via a imigração, preferencialmente de europeus, como solução para o problema.<sup>253</sup> A imigração japonesa no Brasil começou em 1908, sendo a maioria dos japoneses mandados diretamente às áreas agrícolas. Em 1915, foi inaugurada uma escola japonesa no bairro da Liberdade que atraía muitas famílias nipo-brasileiras a São Paulo para educarem seus filhos. Nessa época, dominavam a Rua Conde de Sarzedas, na Liberdade. Em 1934, havia uma população nikkei tão significante na Liberdade que o Arquivo Histórico Municipal de São Paulo apontou sua preocupação sobre o impacto dos japoneses na cidade em uma revista publicada pela instituição (NEGAWA, 2000). Durante a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1942, com decreto federal, os nipo-brasileiros foram ordenados a evacuar a Liberdade e só na década de 1950 começaram a retornar, desta vez morando principalmente na Rua Galvão Bueno.

A construção do Cine Niterói em 1953 iniciou esse retorno (Imigrantes..., 2010). Esse espaço era um polo de atração para os nikkeis de toda cidade de São Paulo e, gradualmente, ao redor do Cine Niterói, outros japoneses estabeleceram negócios de lazer como cinemas, bares, boates e lojas. Em poucos anos, a Liberdade já possuía cinco cinemas que importavam filmes contemporâneos do Japão que transformaram a Liberdade em um ponto de relevância para os cinemas na metrópole. Ademais, na mesma época foram fundados três jornais em língua japonesa e várias associações das províncias do Japão, de cultura e de assistência social, todos que ajudaram a estabelecer a ocupação nikkei na Liberdade.

---

<sup>253</sup> O *International Nikkei Research Project* define *niikkeis* como os de descendência japonesa que moram fora do Japão.

Apesar de o bairro da Liberdade ter uma das maiores concentrações japonesas na cidade, não era quem dominava a área. No inicio do século XX, Liberdade ainda foi reconhecida como um dos bairros negros tradicionais e a população negra continuava crescer (SILVA, 2011). Na decada de 1920, continha a segunda maior proporção de nascimentos afro-brasileiros na cidade (BUTLER, 1993). Havia tambem uma população menor, mas crescente de chineses. Segundo Lobato, se não houvesse a colônia oriental na Liberdade, seria “um bairro como qualquer outro bairro. Era um bairro do Centro de São Paulo. Muita casa, muito prédio” (LOBATO, 2022). Pela ligação direta com o Centro, o bairro da Liberdade tinha uma economia diversa e semelhante, repleto de alimentação, relojoarias, construção, farmácias, bancos, lotéricas, hotéis e fábricas (FANTIN, 2013).

Havia um setor pequeno que atendia visitantes, embora não fosse um setor formal de turismo. Os cinemas atraíam audiências de maioria *nikkei*, mas também grupos de estudantes, artistas e intelectuais não-nikkeis que frequentavam os cinemas japoneses (KISHIMOTO, 2009). A relação mais semelhante ao turismo formal acontecia entre a Liberdade e os empresários do Japão que ficavam em São Paulo devido aos negócios. Eles costumavam passear pelo bairro comprando lembranças durante o dia e frequentavam as boates à tarde (MIZUMOTO, 2022). Mas este setor era diferente do turismo atual; era menor, sem o apoio da Prefeitura e não direcionado para o visitante brasileiro. A visão de turismo de Lobato tinha forma distinta e para entender porque havia esta diferença, temos que saber seus motivos e fontes de inspiração.

### Randolpho Marques Lobato e a idealização do Bairro Oriental



Figura 2: O idealizador do Bairro Oriental, Randolpho Marques Lobato, indica numa placa em homagem dele e a Comissão da Implantação do Bairro Oriental

Fonte: Jornal Nippak

Randolpho Marques Lobato era jornalista do jornal *O Estado de S. Paulo* quando idealizou o Bairro Oriental. Passou horas inumeráveis trabalhando com a Prefeitura e a Comissão da Implantação do Bairro Oriental, enquanto mantinha seu emprego no jornal (Figura 2). Segundo declarou em entrevista, só recebeu renda pelo seu trabalho no jornal, nunca pela Prefeitura nem pela implementação do Bairro Oriental. Então, o que motivou Lobato a se dedicar para criar um local para um grupo étnico que não o seu? A primeira razão, como ele gosta de frisar, foi por admiração aos japoneses, um sentimento comum nos anos 1960 e 1970 entre as elites paulistas. Segundo Lobato:

Os brasileiros gostam de quem trabalha porque eles [os brasileiros] não trabalham muito...Os imigrantes [japoneses] que chegaram, ganharam respeito do brasileiro porque trabalhavam muito, da mesma forma que os italianos, e os imigrantes de forma geral...Por isso, eu tenho essa

admiração, como qualquer outro Brasileiro...[eu] admirava os Japoneses (LOBATO, 2022).

Nos anos 1960, os brasileiros com descendência japonesa eram desejados, mas nem sempre foi o caso. Os nikkeis eram vistos como uma extensão do Japão e seus status no Brasil estavam à mercê do status geopolítico do Japão, explica Takeyuki Gaku Tsuda em sua pesquisa. Ele mapeia a reputação dos japoneses no Brasil com a posição do Japão no mundo. Quando o poder militar do Japão cresceu entre 1920 até a Segunda Guerra Mundial e o Brasil lançava a campanha de brasiliade, o preconceito prevalente era o “perigo amarelo”, como se pode perceber na reportagem eugênica “Enquistamentos Étnicos”, publicada pelo Município de São Paulo no ano 1940 (ARAÚJO, 1940, p. 12) . Mas no pós-II Guerra, quando o Japão se tornou ser visto um país de primeiro mundo e o mais branco de toda Ásia, a niponicidade passou a significar diligência, tecnologia, modernidade, e inteligência. As crenças raciais de Lobato seguem as das elites da época. O status nikkei subiu tanto que vimos Lobato assemelhando os nikkeis aos imigrantes “italianos, tanto quanto [aos] imigrantes de forma geral” (LOBATO, 2022). Especificamente em São Paulo, os italianos são um grupo integral ao sucesso e personagem da metrópole então sua comparação destaca tanto o jornalista valoriza os nikkei e pela sua narrativa, Lobato permite que os nipo-brasileiros sejam parte da história paulistana.

Embora os chineses tivessem uma reputação pejorativa na época no Brasil, o projeto propôs o nome “Bairro Oriental” para incluir esse grupo (LEE, 2018). Paulo de Campos Silva, um entrevistado e dono de um restaurante que funciona na Liberdade desde 1957, ajuda entender porque o Bairro Oriental foi aprovado apesar do preconceito contra os chineses. Ele falou que “sempre foi o Bairro Oriental, mas era mais conhecido popularmente como

Bairro Japonês," e vimos que a cidade homogeneizou todos os asiáticos na Liberdade sob a “bom” japonês e o projeto avançou (SILVA, 2022). Por esses estereótipos, Lobato e os políticos da época tinham uma opinião favorável aos asiáticos da Liberdade e estavam dispostos a dedicar um espaço oficial na cidade para os “bom japonês.”

Não só sua admiração pelos japoneses, mas também o turismo dos Chinatowns norte-americanos, como fonte de diversão e renda, inspirou Lobato a montar uma versão no Brasil. Antes do Plano Oriental, o jornalista havia viajado muito pelo mundo e havia visitado os Chinatowns de Los Angeles e de Nova York. Quando perguntei quais partes específicas o inspiraram, Lobato não pôde nomear coisas exatas, mas o artigo do jornal O Estado de S. Paulo, intitulado “Sonho Oriental” e escrito em 1969 pelo autor L.F., esclarece como as elites brasileiras percebiam os Chinatowns norte-americanos e possivelmente quais aspectos chamaram a atenção de Lobato. O autor descreve seus dias em um Chinatown como: “delírios de ópio. As minhas noites eram povoadas de inquietantes fantasmas, mulheres de olhos oblíquos e amendoados cheirando a sândalo, dragões de porcelana, orgias de sakê” (F., 1969). A cultura oriental o levou a uma semi-realidade mais ousada (com drogas, mulheres parecidas com cobras com olhos oblíquos, monstros e álcool) e mais sensual (mulheres sensuais, cheiro de sândalo, textura de porcelana e sabor de sakê). Em sua perspectiva, a cultura oriental é tão intoxicante que os visitantes são deixados em um estado superexcitado, sem autocontrole e, portanto, isentos de responsabilidades. O Chinatown oferece descanso temporário e divertido da vida cotidiana porque, quando o indivíduo desperta, seu sonho oriental desaparece. “Sonho Oriental” é um melodrama, mas ensina que, para os não-orientais, os Chinatowns turísticos são parques temáticos em que podem entrar e sair à vontade, oferecendo aventura que não se encontraria no

resto da cidade. Muitos políticos das décadas de 1960 e 1970 tinham as mesmas expectativas de asiaticidade como uma fonte de diversão e de possibilidade de entrar em contato com o que acreditavam ser exótico, por isso, a concentração asiática da Liberdade se tornou um produto de turismo aos olhos das elites que tinham uma perspectiva superficial e egoísta de consumo da cultura asiática.

Quando Lobato foi ao Chinatown dos Estados Unidos, encontrou não apenas uma cultura que ele considerava charmosa e misteriosa, mas também uma oportunidade econômica impressionante para o seu país. Lobato explicou que suas visitas aos Chinatowns ensinaram “como o turismo pode render em qualquer parte do mundo” (LOBATO, 2022). Turismo em massa era um conceito emergente nas décadas de 1950 e 1960, especialmente nos países ocidentais. Tornar a Liberdade um polo turístico seria uma oportunidade para participar desta nova indústria com países ocidentais. Já existia um setor pequeno semelhante ao turismo na Liberdade para os empregados e visitantes japoneses, mas por servir apenas aos de descendência japonesa. O Bairro Oriental trouxe turismo de massa orientado para o consumo não-nikkei da mesma forma que o Chinatown norte-americano.

A entrevista deixou claro que a educação da cultura asiática nunca foi uma prioridade no Plano Oriental. Quando perguntado se a associação Bunkyo, uma das maiores organizações de cultura japonesa na Liberdade, foi convidada a participar do projeto, Lobato informou que não, uma vez que Bunkyo só era “(...) a parte cultural. O Bairro [Oriental] surgiu dessa minha ideia com a participação dos comerciantes japoneses, chineses e coreanos” (LOBATO, 2022). A citação corrobora com a observação de Nakagawa ao argumentar que “orientalidade e orientalização são visões e procedimentos distintos do uso do espaço no bairro da Liberdade para a

construção de um bairro oriental" (LOBATO, 2022). Desde o nascimento do Plano Oriental, havia uma distinção entre a orientalização proposital que transformou a Liberdade, tanto em relação ao comércio quanto ao público, versus a orientalidade que surgiu naturalmente com o crescimento da colônia japonesa no bairro, transformando-o em um polo cultural. Ademais, a inspiração do Bairro Oriental não veio do Japão nem da comunidade nipo-brasileira, mas de um modelo comercial norte-americano. Na inauguração do Bairro Oriental, em 1973, Paulo Tanaka, um membro da União dos Amigos do Comércio e Indústria da Liberdade que apoiou o Bairro Oriental, observou que:

O 'Chinatown' norte-americano, embora muito conhecido internacionalmente, é muito diferente de nosso 'Bairro Oriental.' Para começar, é tipicamente chinês, e não japonês. Depois, é bem antigo e não tão bem cuidado como o que estamos fazendo. Quando estiver inteiramente concluído, no ano que vem, posso garantir que será uma das grandes atrações turísticas e comerciais de todo o mundo.<sup>254</sup>

Para descrever o Bairro Oriental, Tanaka realizou uma comparação com os *Chinatown* norte-americanos, e para mensurar o sucesso, avaliou em relação ao *Chinatown* norte-americano. A visão do Plano Oriental sempre foi mais baseada num modelo ocidental do que em uma cidade asiática genuína e contemporânea, tendo enquanto maior preocupação participar ativamente do novo fenômeno de turismo através de um bairro étnico parecido a um norte-americano.

Em 1969, Lobato foi ao escritório de seu amigo Amadeu Papa que havia acabado de ser nomeado primeiro secretário de Turismo e Fomento da Prefeitura de São Paulo. Com intuito de parabenizá-lo, Lobato se encontrou com Papa e debateram sobre os planos que seriam lançados.

---

<sup>254</sup> Finalmente, na Liberdade, nasce o "Bairro Oriental." *Folha de São Paulo*. São Paulo, 7 de novembro de 1974, pg. 14.

Afinal, Papa admitiu que não sabia o que faria e Lobato sugeriu que poderia "pegar o bairro da Liberdade e transformar numa espécie de Chinatown" (LOBATO,2022). Com isso, Lobato retornou ao jornal quando, em menos de uma hora após a conversa com Papa, o prefeito Paulo Maluf telefonou diretamente para ele. Maluf informou que havia gostado da ideia e pediu para que Lobato ajudasse a Prefeitura a realizá-la como voluntário da cidade, não como funcionário público.

### **A Prefeitura e a realização do Bairro Oriental**

A Prefeitura se interessou pela ideia de um Bairro Oriental porque ligava-se às políticas econômicas e raciais da Ditadura Militar. Havia grande prioridade para o crescimento da economia e, recentemente, o governo havia se interessado pelo turismo enquanto ferramenta de desenvolvimento da economia e como um caminho para participação no mundo moderno.<sup>255</sup> Em 1966, o governo federal formou a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), a primeira entidade de regulamentação do turismo. Estava entusiasmado para investir em turismo, e Lobato apresentou uma ideia norte-americana impressionante. Como ele descreveu, "era inovação" (LOBATO, 2022).

O Bairro Oriental ajudou a Ditadura Militar não só economicamente, mas também politicamente por disseminar imagens de São Paulo de modo excepcional ao restante do Brasil. Em sua pesquisa, Patrícia Mariana Fino estudou como a Ditadura Militar utilizou imagens publicadas da EMBRATUR para promover ideologias internamente. As campanhas turísticas fortaleciam os sentidos de patriotismo: foi um presente morar no Brasil, um país rico em beleza natural, Carnaval, hegemônico no futebol e felicidade (FINO, 2016).

---

<sup>255</sup> São Paulo: Turismo e Esportes. Mauro Ivan Marketing. São Paulo (SP), 1980.

Especificamente em relação a São Paulo, o Bairro Oriental, como projeto turístico, ajudava a cidade a retratar que era racialmente excepcional, um conceito-chave na identidade Paulistana desde sua ascensão significativa no final do século XIX (WEINSTEIN, 2022).

O Bairro Oriental podia apoiar várias políticas raciais sobre identidade paulistana. Primeiro, havia a imagem de pluralidade que era um fator de orgulho para São Paulo. De acordo com Lobato, "este bairro (...) representa também o quanto os paulistas, os brasileiros, permitem uma interação, uma integração." No início da Ditadura Militar, enquanto o governo achava sua economia inferior à norte-americana, considerava-se superior moralmente. Orgulhava-se de sua história nacional ausente de leis de segregação ou de anti-miscigenação. Uma questão fundamental nas ideias contemporâneas de pluralidade é a democracia racial - miscigenação entre a tríade europeu, indígena e negro que cria uma harmonia brasileira única no mundo. Embora houvesse debates se a democracia racial existia ou não, os dois lados concordavam que era um objetivo almejado e o Bairro Oriental provava que diversidade existia pacificamente em São Paulo.

Porém, após consulta ao livro-propaganda, "São Paulo Turismo e Esportes," publicado pelo município, nota-se que essa pluralidade era seletiva. A propaganda destaca os bairros típicos de São Paulo, mas só nomeia dois. Chama a Bixiga o bairro italiano e a Liberdade o bairro oriental. Enquanto as elites de São Paulo elogiavam a democracia racial, apoiavam políticas que contradiziam esse ideal de duas formas para construir seu excepcionalismo racial. Primeiro, embora os negros fossem integrantes na visão da democracia racial, o município omitia esse grupo do livro-propaganda. Segundo, o mesmo destacava imigrantes não-europeus fora da tríade clássica, incluindo os japoneses como parte do povo paulistano enquanto uma versão concessional de branqueamento. O Plano Oriental foi

emblemático nesta pluralidade modificada e exclusiva; permitiu afirmar que a cidade era semelhante ao Japão, um país não-europeu, mas poderoso, e empurrou a presença afro-brasileira às periferias da memória da cidade.

O espaço físico do Bairro Oriental auxiliou as elites a justificar o benefício de incluir os nipo-brasileiros na cidade. Fabricou um espaço marcadamente orientalizado, ligado à tradição japonesa, embora seja um falso tradicionalismo que utiliza incorretamente estruturas arquitetônicas e elementos típicos de diversas culturas asiáticas. Preservar e aumentar a orientalidade da Liberdade dava a impressão que os japoneses permaneciam mais ligados ao seu país de origem do que ao Brasil, e, por isso, sempre manteriam suas características culturais. No pós-guerra, essas características passaram a significar elementos desejáveis, como honestidade e diligência, que as elites alegavam faltar entre o povo brasileiro. Nessa perspectiva, a presença nikkei poderia melhorar e modernizar o Brasil de um jeito que os brasileiros não conseguiriam sozinhos. Para melhorar o país, era imperativo que os japoneses nunca se assimilassem aos costumes brasileiros inferiores. O Bairro Oriental criava a ilusão de uma separação profunda entre os povos, o que impediria que os nipo-brasileiros adquirissem costumes brasileiros.

Evidenciamos que o Plano Oriental puxava orientalidade frente ao seu propósito, mas a desatenção em relação à negritude foi um subproduto desejável ou motivo implícito da Prefeitura? Na década de 1940, havia projetos municipais que deslocaram pontos de referência dos afro-brasileiros na Liberdade então é preciso considerar a possibilidade de que o Plano Oriental fosse uma continuação das mesmas políticas de segregação racial. Em 1943, o Plano de Avenidas, do Prefeito Francisco Prestes Maia, demoliu a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios na Liberdade, outrora quartel-general no movimento de abolição que em seguida foi reformado para abrigar o

primeiro museu dos escravizados no mundo. Andrew Britt encontra evidências sugerindo que Maia pretendeu obstinadamente erradicar o centro dos afro-brasileiros a reboque desse pretexto de urbanização (2022).

A neutralidade urbana do Plano de Avenidas remete ao Plano Oriental. No aspecto urbano, a Prefeitura não interveio em comparação a outras obras públicas. Evitaram construir e destruir prédios, e somente instalaram as lanternas e a calçada que iam trocar como parte dos esforços da Empresa Municipal de Urbanização de Reurbanização das décadas de 1960 e 1970. Acrescentando a ideia de que o Bairro Oriental foi parte de um desenvolvimento lógico, as propagandas sobre o projeto explicavam que iriam "sobressair as características sino-japonesas do bairro" dando a impressão de que simplesmente era um aumento do ambiente oriental já dominante na Liberdade.<sup>256</sup> A política da transformação se escondeu atrás das mudanças estéticas e "naturais" que a cidade fez.

Infelizmente, não eu e outros pesquisadores não localizamos documentação nos arquivos do município, do estado ou de associações nikkeis porque o projeto foi concebido e realizado num ambiente completamente político, informal e familiar, divulgado como expressão técnica do trabalho da municipalidade, embora sem deixar rastros oficiais de documentação. Como exemplo, Lobato conheceu o Secretário de Turismo, Amadeu Papa, e o Diretor da Administração Regional da Sé, Vitor Davi, na escola. Lobato descreveu que "Amadeu Papa era irmão. Nós crescemos juntos" e "Vitor Davi era muito amigo" (LOBATO, 2022). O idealizador costumava se dirigir aos escritórios deles para discutir o projeto e "quando pedi coisas pra ele [Davi], saiu mais rápido" (LOBATO, 2022). Parece que Lobato estava consciente da história dos negros da Liberdade. Na

---

<sup>256</sup>O Turismo Descobre a Liberdade. O Estado de S. Paulo. São Paulo, SP, 25 junho 1969, pg. 14.

entrevista, Lobato falou: “o nome Liberdade vem da origem da libertação dos escravos. Tem igrejinha [Capela dos Aflitos] lá e tem na esquina a Igreja dos Enforcados, uma igreja onde acendem velas lá. É um lugar que é sagrado” (LOBATO, 2022). Provavelmente os colegas políticos que frequentaram os mesmos institutos escolares que Lobato tivessem o mesmo conhecimento da história da população negra da Liberdade e vissem no Plano Oriental uma boa oportunidade para continuar a revisão de uma história sem afro-brasileiros pela fachada de um urbanismo neutro. É impossível saber com certeza se políticas anti-negros eram um motivo principal da Prefeitura, mas ao reconhecer as ações históricas do governo e ambiente político em que o projeto surgiu, deve-se levar em consideração sua probabilidade.

Embora não tenhamos localizado fontes documentais, os artigos de jornais ensinam quais partes do Bairro Oriental a Prefeitura ressaltou ao público e inadvertidamente, quais partes desviraram atenção. Nesta pesquisa, foram analisados dezoito artigos da Folha de S. Paulo e do O Estado de S. Paulo sobre o projeto, entre 1969 ao final de 1974, e quase todos salientam o Bairro Oriental primeiramente como projeto turístico da cidade e secundariamente como uma oportunidade de experienciar a cultura asiática. A metade dos artigos somente focam no papel da Prefeitura na criação do primeiro lugar turístico, e nada expõe sobre cultura asiática. Nenhum menciona a comunidade negra. Como exemplo, as seguintes citações são as primeiras frases de dois artigos, um publicado perto da idealização e, 1969 e o outro dois dias antes da inauguração do Bairro Oriental e, 1974:

Dois quilômetros de ruas do bairro da Liberdade receberão novo tipo de iluminação e terão seu calçamento recapado, já nos próximos dias, em virtude do início das obras da implantação de características orientais aquela zona, conforme projeto da Secretaria de Turismo e Fomento do Município que pretende transformar a

Liberdade num dos maiores pontos e atração turística da Capital. - O Estado de S. Paulo, 15 de agosto de 1969<sup>257</sup>

A Liberdade vai voltar a ser um dos principais pontos de atração turística da Capital, depois que a Associação dos Lojistas do bairro executar um plano que já foi concluído -Folha de S. Paulo, 9 de julho de 1974<sup>258</sup>

Os artigos começam de modo sem decoração, falando da zona de mudança, o papel de grupos e o que eles pretendiam. Contrasta marcadamente com o artigo fantasioso “Sonho Oriental,” em que o aspecto atraente do Chinatown norte-americano foi o encontro com o exótico. Esta diferença reflete o propósito principal e distinto do município. Desde o início, a propaganda escancarou e chamou a atenção do público quanto ao fato de que a Prefeitura trouxe turismo à cidade para que São Paulo participasse no fenômeno de turismo com o mundo. Secundariamente, destacava a cultura oriental. A propaganda sutilmente distraía o público com 2 camadas, turismo e o exótico, e permitia o esquecimento da população negra. Sobreviveram dois lugares centrais na comunidade afro-brasileira que restaram no meio do Bairro Oriental, a Capela dos Aflitos, que fazia parte do antigo cemitério dos Aflitos, e a Capela de Santa Cruz dos Enforcados que fazia referência às execuções que ocorriam no local, mas que, pouco a pouco, se esmaeceram entre as lanternas e *torii* vermelhos, pelo movimento da Feira Oriental e pelas músicas no palco dos Festivais orientais (Figura 3).

---

<sup>257</sup> Como anda turismo. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 15 de agosto de 1969, pg. 38.

<sup>258</sup> O turismo volta ao bairro da Liberdade. Folha de São Paulo. São Paulo, 9 de julho de 1974, pg. 13.



**Figura 3: Capela dos Afiltos**

Fonte: Autora

Lobato consentiu em ser o projetista voluntário do Plano Oriental e foi ao Cônsul Geral do Japão para apresentar sua ideia. O Cônsul aprovou a proposta e Lobato solicitou que indicasse algumas pessoas da comunidade nikkei na Liberdade para organizar uma comissão. O Cônsul indicou Tsuyoshi Mizumoto, um dono de uma loja na Rua Galvão Bueno e membro respeitado pela comunidade na Liberdade. Mizumoto chamou vários outros empresários nikkeis para formar a Comissão da Implantação do Bairro Oriental. Depois, Lobato pediu a Mizumoto para chamar todos os lojistas da Liberdade num auditório em que cabiam mais de 100 pessoas. Ficou lotado. O jornalista lhes instruiu da seguinte forma: "primeiro, pintem as suas lojas,

fachadas. Segundo, façam letreiro não apenas em Japonês ou Coreano ou Chinês. Sempre primeiro o nome brasileiro e esse mesmo nome na sua respectiva língua. A decoração fica a vontade de vocês" (LOBATO, 2022). Enquanto os lojistas preparavam, Lobato aproveitava os contatos diretos com seus amigos de infância, o Secretário de Turismo e o Diretor da Administração Regional da Sé, para expedir o investimento municipal.

Embora o Plano Oriental ignorasse os negros, considerava os asiáticos na Liberdade? À Primeira vista, parece que sim. A Prefeitura trabalhou com a Comissão e levou o turismo numa época quando o comércio na Liberdade sofria muito, mas a entrevista com Lobato expõe que foi simplesmente por acaso que o Plano Oriental ajudou os orientais na Liberdade. Em 1968, havia duas disruptões imensas na Liberdade que destruíram o comércio. Primeiro, a Radial Leste-Oeste foi construída, quebrando a Liberdade em duas partes e forçando a mudança do Cine Niterói, um núcleo da comunidade Japonês, e a Imprensa Oficial, um dos maiores empregadores na área. Segundo, começou a construção do Metrô e a seção da Liberdade que Marco Antonio Velloso Machado, o chefe da construção da Estação Liberdade descreveu, "foi um dos mais invasivos do sistema" (MACHADO, 2022). Na época, foi estimado que 70% dos lojistas tiveram que fechar, e adicionalmente, havia dúvidas se o Metrô seria útil e ajudaria com a retomada do comércio.<sup>259</sup>

Nas entrevistas com a comunidade nikkei, o desespero causado pela construção foi tema central e intenso. Machado opinou: "a obra do metrô gerou essa crise. Como você vai sair da crise? Criar um mecanismo de publicidade, oportunidade de negócio" (MACHADO, 2022). Existia resistência contra a abertura da Liberdade para turismo. Márcia Mayumi, cuja família

---

<sup>259</sup> Metro reurbaniza av. da Liberdade. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 15 de novembro de 1972, pg. 8.

possuía um restaurante, lembrou que o bairro era um lugar seguro onde seus pais podiam falar no seu idioma nativo e socializar com outros imigrantes e quando pessoas não japonesas começaram a vir, seus pais ficaram desconfiados (MAYUMI, 2022). Mas, no bairro, a preocupação do retorno do comércio foi maior do que o sentimento expressado pelos pais de Márcia, e venceu. Adicionalmente, o projeto avançou porque o contato principal de Lobato era a Comissão e seus membros eram os mais politizados da Liberdade, e pode ser que entendessem o valor de desenvolver uma relação direita com a Prefeitura, com a Secretaria de Turismo e com a Administração Regional da Sé. Havia um sentimento de que antes do Plano, a Liberdade “tem sido sempre esquecida pelos administradores públicos”.<sup>260</sup> Mas com o Plano Oriental, a comunidade aproveitou a nova atenção da Prefeitura para abordar questões que existiam antes do Plano, como a segurança. O Plano Oriental “deu uma projeção política grande” que dura até hoje (LOBATO, 2022). Foi uma oportunidade de crescimento do poder político e de recuperação após a destruição das obras públicas.

Ao contrário dos moradores da Liberdade, Lobato esqueceu da crise gerada pela construção e das contribuições da comunidade oriental, e isso sugere que ele idealizou o Bairro Oriental sem considerar o contexto local nem a perspectiva oriental. O jornalista também não mencionou a perturbação da construção do Metrô nem do Radial Leste-Oeste. Quando pedi que ele descrevesse como estava a Liberdade da década de 1960, não mencionou sofrimento causado pela construção desses projetos, e quando perguntei se naquela época houve a construção do metrô, Lobato respondeu que “Não, veio depois” (LOBATO, 2022). A construção esvaziou um buracão no meio da rua que deixou as calçadas apenas um metro de

---

<sup>260</sup> Quimonos e Lanternas na Festa da Nova Liberdade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 de novembro de 1969, pg. 12.

largura e generou barulho incessante por dia inteiro. Em contraste com a comunidade da Liberdade, Lobato não achou nada disso um evento notável em 1969. Foi simplesmente coincidência que o projeto turístico de Lobato revitalizou a economia quando a Liberdade precisava.

Ademais, devemos atentar que Lobato nunca falou sobre nenhuma contribuição dos nikkeis na planificação do Bairro Oriental; declarou como se o negócio fosse exclusivamente seu e eles, os empregados executores. Como exemplo, o jornalista lembrou a seguinte frase: “eu falei, ‘vocês têm que melhorar a aparência das suas lojas.’ Eles todos obedeceram. E na mesma semana começaram a pintar. Olha que disciplina” (LOBATO, 2022). E logo Lobato me explicou, “cheguei para Mizumoto. Falei: ‘escuta, é melhor contratar um pessoal de limpeza aí’ e ele falou ‘Hai’” (LOBATO, 2022). É improvável que Mizumoto, que falava português, dissesse “hai”, que significa “sim” em japonês, e não “sim,” a Lobato, um brasileiro branco. Mas Lobato nunca conseguiu ver a comunidade nikkei fora de uma perspectiva de exotificação. Para ele, sempre foram os orientais obedientes que precisavam do aconselhamento dele. Embora o Bairro Oriental dependesse completamente da sua presença, o idealizador não atribuiu aos japoneses o mesmo nível de ação que se deu a si mesmo. Segundo a cronologia dos eventos, parece que o Plano Oriental foi formado para acudir a comunidade asiática na Liberdade, mas a falta de noção sobre os problemas atuais e da consideração da voz asiática, revelam que o Plano simplesmente foi formado para amplificar a aparência da comunidade asiática para fomentar o turismo.

Em 9 de novembro de 1974 às 19:30 horas, somente cinco anos depois de Lobato idealizar o Bairro Oriental, a cidade celebrou a finalização da primeira etapa do Plano Oriental. O governador Paulo Salim Maluf, e o novo prefeito Miguel Colasuonno participaram da apresentação no palco

vestidos de *rappi*, roupa típica japonesa (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). O São Paulo Shimbun, um jornal nikkei, descreveu que depois das palavras de congratulações, os japoneses e seus descendentes saíram às ruas dançando e cantando até às 23 horas.<sup>261</sup> A Prefeitura havia instalado 450 lanternas *suzuranto* e ladrilhos com desenho oriental e os lojistas haviam adicionado placas bilíngues, embelezaram as fachadas e juntaram dinheiro pelo jardim japonês e portal *torii*. A Liberdade estava pronta para o turismo.

### Reflexões

A visão do Bairro Oriental não foi concebida num polo de cultura asiática, como o Cine Niterói, nem entre asiáticos e certamente não no bairro da Liberdade. Nasceu na Secretaria de Turismo quando dois amigos de infância juntaram ideias sobre o que a Secretaria poderia fazer em sua nova gestão durante almoço. Foi uma construção política desde sua idealização. A visão originou-se de uma objetificação, estereótipos positivos dos japoneses e preocupações em desenvolver a economia. Torna-se menos claro porque a Prefeitura aprovou o sonho de Lobato. Quais foram seus motivos iniciais e quais foram subprodutos convenientes? Este estudo evidenciou que os motivos iniciais foram para modernizar a economia pela participação da indústria emergente de turismo com outros países desenvolvidos. A cidade utilizava a orientalidade como veículo de turismo e, como resultado secundário, o Bairro Oriental fomentava que a cidade fosse plural e mais oriental do que qualquer outra cidade no país. Mas para desintrincar se o apagamento da presença negra foi motivo inicial ou subproduto desejável, o resultado é incerto. Infelizmente, a falta de

---

<sup>261</sup> Inaugurado o Bairro Oriental. São Paulo Shimbun. São Paulo, 13 de novembro de 1974, pg. 1.

documentação original da Prefeitura nos limitou a examinar a perspectiva municipal que se esconde atrás de um urbanismo supostamente apolítico. Contudo, o Projeto das Avenidas em 1942 na Liberdade demoliu um núcleo afro-brasileiro e sugere que o Bairro Oriental foi uma extensão dessa política anti-afro-brasileiros (BRITT, 2022). O Bairro Oriental, por meio de turismo, ajudou São Paulo a distinguir seu excepcionalismo econômico e racial que reforçou o regionalismo que a cidade precisava para assegurar sua centralidade no Brasil.

Utilizando uma entrevista que realizei com o idealizador do Bairro Oriental, que revela pela primeira vez numa pesquisa o ponto de vista de um agente para além da Prefeitura, este estudo concorda com críticos sobre a exploração de raça para ganhos políticos e econômicos na Liberdade. Avaliar o Bairro Oriental pela perspectiva capitalista, ele foi um grande sucesso. Além disso, funcionando entre o sistema econômico, a comunidade asiática no bairro conseguiu a recuperação comercial depois da construção do Metrô e Radial Leste-Oeste e conexões apolíticas com a Prefeitura. Mas uma análise cautelosa expõe que o Bairro Oriental prejudicou não somente os afro-brasileiros, mas também os asiático-brasileiros. O sucesso econômico dos asiáticos na Liberdade depende da amplificação de estereótipos de si mesmos baseados em objetificação e exotificação, cujos impactos são mais sentidos por mulheres asiáticas. O polo turístico também exacerbe a comparação constante e tensa que esta colocada entre asiáticos e negros nas Américas, regulamentando quem mereceria ser parte de história e do povo e quem receber a atenção e recursos do governo. Para muitos brasileiros, o Bairro Oriental é o primeiro encontro, divulgado pela mídia ou testemunhado presencialmente, com asiaticidade e modela seu entendimento fundamental dos asiáticos. Mas como vimos, o propósito do Plano Oriental nunca foi uma educação de cultura asiática, mas sim de

mercado. Baseava-se em exotificação e em hiper-orientalização inspirada por um bairro turístico norte-americano. O Bairro Oriental é uma das imagens de orientalidade e pluralidade mais disseminadas pelo país, mas perpetua conceitos distorcidos e hierarquias raciais.

## Fontes

- SILVA, Paulo de Compose. Entrevista com Paulo De Compos e Silva. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 30 de junho de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- LOBATO, Randolpho Marques. Entrevista com Randolpho Marques Lobato. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 15 de julho de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- MACHADO, Marco Antonio Velloso. Entrevista com Marco Antonio Velloso Machado. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 13 de junho de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- MAYUMI, Marcia. Entrevista com Marcia Mayumi. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 21 de junho de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- MIZUMOTO, Paulo. Primeira Entrevista com Paulo Mizumoto. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 10 de maio de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- MIZUMOTO, Paulo. Segunda Entrevista com Paulo Mizumoto. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 23 de junho de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- SATO, Nelson. Entrevista com Nelson Sato. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 13 de maio de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.
- YAMAMOTO, Tamaki. Entrevista com Tamaki Yamamoto. Entrevistadora: Lianne Sturgeon. São Paulo: 29 de junho de 2022. Gravação. Entrevista concedida à Universidade Federal de São Paulo.

## Referências

- ARAÚJO, Óscar E. Enquistamentos étnicos. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal. Vol. LXV, 1940.
- Bairro Oriental. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 3 de outubro de 1973, pg. 18.
- Bairro terá som próprio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de dezembro de 1974, pg. 12.
- BORIN, Monique Felix. *Experiências da urbanização na Santa Ifigênia e Liberdade : (des)caminhos da modernização de São Paulo nos bairros centrais (1886-1923)*. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- BRITT, Andrew. [Spatial Projects of Forgetting: Razing the Remedies Church and Museum to the Enslaved in São Paulo's 'Black Zone,' 1930s-'40s](#), *Journal of Latin American Studies*, ed. 1, Cambridge, EUA, August 2022
- BUTLER, Kim. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition, São Paulo and Salvador*. ed. 1, New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1993, p. 76

- Castilho, Maria Roberta. Rua Galvao Bueno: Upsplash, 7 de julho de 2022. 1 imagem. Disponível em: < <https://unsplash.com/photos/NjELtkk5nRU>>. Acesso em: 14 feb. 2022.
- Como anda turismo. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 15 de agosto de 1969, pg. 38.
- Como anda turismo. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 19 de setembro de 1969, pg. 38.
- Como anda turismo. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 31 de outubro de 1969, pg. 38.
- Como anda turismo. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 21 de novembro de 1969, pg. 38.
- Como anda turismo. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 28 de novembro de 1969, pg. 38.
- FANTIN, Jader. *Os Japoneses no Bairro da Liberdade, São Paulo na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- Finalmente, na Liberdade, nasce o "Bairro Oriental." *Folha de São Paulo*. São Paulo, 7 de novembro de 1974, pg. 14.
- FINO, Patrícia Mariana. *Os estereótipos turísticos como forma de manipulação durante a ditadura militar brasileira*. Tese (Doutorado). Ecologia de Agroecossistemas, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2016.
- F.L. Sonha Oriental. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 18 junho de 1969, pg. 12.
- GUIMARÃES, Lais de Barros Monteiro. *Liberdade*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1979.
- Imigrantes Japoneses no Brasil: trajetória, imaginária e memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- Inaugurado o Bairro Oriental. São Paulo Shimbun. São Paulo, 13 de novembro de 1974, pg. 1.
- KISHIMOTO, Alexandre. *A experiência do cinema japonês no bairro da Liberdade*. Dissertação (Mestrado). Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- LEE, Ana Paulina. *Mandarin Brazil : Race, Representation, and Memory*. Ed. 1, Stanford, EUA: Stanford University Press, 2018.
- LESSER, Jeffrey. *Negotiating national identity : immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil*. Durham, EUA : Duke University Press, 1999.
- LESSER, Jeffrey. *Uma diáspora descontente : os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica : 1960-1980*. São Paulo : Paz e Terra, 2008.
- Liberdade. São Paulo: Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, 1997.
- MARZ, Marília. *Indivisível*. Edição Especial, São Paulo: Juizforana Gráfica Editora, 2019.
- MIYAZAK, Bruna de Souza. *Memórias da Liberdade: Uma análise das transformações no bairro da Liberdade, em São Paulo a partir da renomeação da estação de metrô para "Japão-Liberdade"*. Graduação. Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- NAKAGAWA, Fábio; OKANO, Michiko. *Duas Visões da Liberdade: a Orientalização e a Orientalidade*. *Estudos Japoneses*, n. 31, p 45-62, Centro de Estudos Japoneses de USP, São Paulo, 2011.
- NEGAWA, Sachio. *Formação e transformação do Bairro Oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.
- São Paulo: *Turismo e Esportes*. Mauro Ivan Marketing. São Paulo, 1980.
- SILVA, Marcos Virgilio da. *Debaixo do 'pogressio': urbanização, cultura e experiência popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969)*. Tese (Doutorado). Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- SKIDMORE, Thomas. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. Duke University Press. Durham, EUA, 1992
- SOUSA, Afonso José de. Idealizado por Randolpho Marques Lobato, Bairro Oriental também faz 40 anos. *Jornal Nippak*. São Paulo, 3 de setembro de 2009, pg. 4.

- TSUDA, Takeyuki Gaku. When identities become modern: Japanese emigration to Brazil and the global contextualization of identity. *Ethnic and Racial Studies*, 24:3, EUA , 2001, pg 412-432.
- WEINSTEN, Barbara. *A Cor da Modernidade: A A Branquitude e a Formação da Identidade Paulista*. São Paulo : Editora da USP, 2022.
- YOBANBOO. Liberdade Virando Sushi de Morango : YoBanBoo, 2020. 1 video. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mOBnEMIX4Yw>>. Acesso em: 12 sep. 2022.